

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

Aline Kátia Ferreira de Melo

**Jornalismo Emancipatório:
Análise da Agência Mural de Jornalismo das Periferias**

São Paulo

2019

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

**Jornalismo Emancipatório:
Análise da Agência Mural de Jornalismo das Periferias**

Aline Kátia Ferreira de Melo

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Especialista em Mídia, Informação e Cultura

Orientadora: Prof. Dra. Fabiana Félix do Amaral e Silva

São Paulo
2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade de existir, de deixar e registrar pequenas marcas pelo mundo, nas pessoas e nos poucos lugares onde passei desta grande imensidão. Agradeço a minha mãe, ao meu pai (in memoriam) e minha irmã por fazerem parte do meu primeiro e mais importante núcleo. Seremos sempre quatro mesmo que hoje sejamos três! Agradeço a todos os professores que conheci durante o curso no CELACC e especialmente à minha orientadora Profa. Dra. Fabiana Félix do Amaral e Silva pelo carinho, atenção e parceria.

Jornalismo emancipatório. Análise da Agência Mural de Jornalismo das Periferias¹

Aline Kátia Ferreira de Melo²

RESUMO

Este artigo pretende discutir os processos comunicativos periféricos analisando a Agência Mural de Jornalismo das Periferias. Para isso, o texto traz um breve histórico sobre as periferias, o surgimento da agência, os processos de criminalização da pobreza e dos movimentos sociais. Mostrando como a comunicação, que surge a partir de práticas jornalísticas emancipatórias da mídia radical, consegue converter esses territórios em exemplos de potência e resistência, a partir da relação entre a comunicação e o território.

Palavras-chave: periferias, comunicação, jornalismo, território, Agência Mural

ABSTRACT

This article intends to discuss the peripheral communicative processes by analyzing the Mural Agency of Peripheral Journalism. For this, the text brings a brief history about the peripheries, the emergence of the agency and the processes of criminalization of poverty and social movements. By showing how communication, which emerges from emancipatory journalistic practices of radical media, manages to convert these territories into examples of power and resistance, based on the relationship between communication and territory.

Key words: periphery, communication, territory, journalism, Agência Mural

RESUMEN

Este artículo pretende discutir los procesos comunicativos periféricos analizando la Agencia Mural de Periodismo de las Periferias. Para ello, el texto trae un breve histórico sobre las periferias, el surgimiento de la agencia y los procesos de criminalización de la pobreza y de los movimientos sociales. En el caso de la comunicación, que surge a partir de prácticas periodísticas emancipatorias de los medios radical, logra convertir esos territorios en ejemplos de potencia y resistencia, a partir de la relación entre la comunicación y el territorio.

Palabras clave: periferias, comunicación, territorio, periodismo, Agência Mural

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Mídia, Informação e Cultura

² Graduada em Jornalismo pelo Centro Universitário Sant' Anna em 2011. Pós graduanda em Mídia, Informação e Cultura pelo Celacc- ECA/ USP, sob a orientação da professora Dr. Fabiana Félix do Amaral e Silva

SUMÁRIO

Introdução	3
1. A formação dos territórios periféricos e os processos de criminalização	4
1.1 Breve contexto sobre a formação das periferias.....	4
1.2 Os processos de criminalização dos movimentos sociais e da pobreza.....	5
2. Como a comunicação pode transformar as periferias em polos de resistência e enfrentamento	8
3. O surgimento da Agência Mural de Jornalismo das Periferias.....	11
3.1 Horizontalidade e auto-organização da Agência Mural de Jornalismo das Periferias.....	15
3.2 Como as mídias hegemônicas tem usado a Agência Mural como banco de fontes e pautas nas periferias.....	18
3.2.1 Morador faz castelo com sobras de materiais no Tremembé.....	19
3.2.2 Documentário "Rua Comprida" retrata vida de moradores da Vila Mazzei.....	19
3.2.3 Acidente de ônibus na Jova Rural em 17 de julho de 2018.....	20
3.2.4 Sheila Alice, a historiadora negra moradora de Guaianases.....	22
4.Considerações finais	23
Referências Bibliográficas.....	24

Introdução

Nos últimos anos, o acesso a ferramentas de comunicação que Santos (2008) denominou como “dóceis”, possibilitou a criação e difusão de novas narrativas, de novos sujeitos contando a sua versão de suas próprias histórias. Há inúmeros coletivos de comunicação contando a história das periferias como o Periferia em Movimento, Periferia Invisível, Nós, Mulheres da Periferia. Este artigo analisa a experiência da Agência Mural de Jornalismo das Periferias.

No primeiro capítulo são apresentados brevemente dois processos: a formação dos territórios periféricos nas grandes capitais brasileiras e os processos de criminalização da pobreza e dos movimentos sociais, em curso no Brasil e na América Latina, como consequências do neoliberalismo. Neste processo, o Estado passa a servir cada vez mais aos interesses econômicos empresariais, e deixa de atender as demandas da população.

No segundo capítulo são apresentadas experiências de mídia e jornalismo que podem transformar as periferias em polos de resistência e enfrentamento aos interesses hegemônicos. Trazendo conceitos de “jornalismo emancipatório” de Dennis de Oliveira, a “mídia radical” de John Downing, as análises de Milton Santos sobre os poderes e aspectos presentes nas bases e a visão de Maristela Svampa sobre a ação dos movimentos sociais nos territórios.

No terceiro capítulo é apresentada a Agência Mural de Jornalismo das Periferias desde o seu surgimento como Blog Mural em 2010. Um blog que está hospedado até os dias atuais dentro do site do jornal Folha de São Paulo, um veículo da mídia hegemônica. E que apesar disso, o blog se transformou em uma agência de jornalismo independente, com site próprio, com outras parcerias, buscando se manter e se consolidar como veículo de comunicação independente.

A hipótese é que o trabalho da Agência Mural ajuda a pautar a mídia hegemônica das discussões e personagens que não estão presentes nela. Os correspondentes da Agência Mural estão mostrando por meio de suas matérias como os jovens estão promovendo transformações nas periferias por meio da cultura, construindo novas territorialidades ao mostrar outras dimensões de seus bairros a partir da produção de textos e vídeos com as

narrativas cotidianas das regiões distantes dos grandes centros. Discutindo o acesso à cidade, e os processos aos quais as periferias e seus moradores são diariamente submetidos como ausência de direitos como atendimento público de saúde, creches, educação, transporte, moradia, emprego. Opressões como o racismo, machismo, lgbtfobia, transfobia etc.

A estratégia metodológica foi apresentar casos em que fontes e informações descobertas pela Agência Mural de Jornalismo das Periferias foram usados posteriormente por veículos da mídia hegemônica.

1. A formação dos territórios periféricos e os processos de criminalização

Para falar sobre os territórios periféricos partiremos do contexto histórico geográfico a respeito formação desses locais. Em seguida, como as leis estão influenciando essas regiões. Por fim, como a comunicação surge como um processo de resistência.

1.1. Breve contexto sobre a formação das Periferias

Grande parte do crescimento urbano brasileiro foi desordenado, independente, rápido, fora da lei e de planos oficiais de urbanização. Surgindo assim, o que Maricato (2000, p.140) denomina como “não cidade – periferias extensas, que além das casas autoconstruídas, contam apenas com o transporte precário, a luz e a água”. Essa ilegalidade é proposital para manter os baixos pagamentos em troca da força de trabalho e favorecer a especulação imobiliária.

Nos anos 50 começa a aumentar exponencialmente a periferização da cidade de São Paulo, o que Maricato (2000, p. 151) denomina como “combinação de lote precário e irregular na periferia urbana com a autoconstrução da moradia”.

A lei 10.257 de 2001, conhecida como Estatuto da Cidade regulamenta os artigos 182 e 183 da Constituição Federal de 1988, estabelecendo diretrizes gerais da política urbana, definindo instrumentos como o planejamento municipal. Este, deve ser aplicado obrigatoriamente, nas cidades acima de 20.000 habitantes por meio de um plano diretor. Muitas vezes esse plano acaba restrito ao campo do discurso teórico, longe de ser implementado em toda a cidade, principalmente nos territórios periféricos

É mais frequente parte do plano ser cumprida ou então ele ser aplicado apenas a parte da cidade. Sua aplicação segue a lógica da cidadania restrita a alguns (MARICATO, 2000, p. 148)

Assim, foram surgindo muitos bairros sem o mínimo de planejamento. Locais onde há demanda por serviços públicos de transporte, saúde, educação, moradia, emprego, etc.

1.2. Os processos de criminalização dos movimentos sociais e da pobreza

De acordo com Maristela Svampa existem três eixos da governança neoliberal: a criminalização do protesto social, a doutrina de segurança cidadã e a tendência a militarização. Esta última batizada como “neoliberalismo de guerra” (expressão de P. González Casanova) ou “neoliberalismo armado”³ (2005, apud SVAMPA, Maristela, 2007, p.13), que se manifesta com o surgimento de equipes paramilitares no domínio de territórios nas cidades sob a alegação de segurança pública, como as Unidades de Polícia Pacificadora (UPP), projeto da Secretaria Estadual de Segurança do Rio de Janeiro.

Ela também aponta que o paradigma neoliberal na América Latina tem trazido consequências como um aumento da criminalização dos protestos sociais por meio da aprovação de leis antiterroristas em vários países do continente como Argentina, El Salvador e Paraguai.

No Brasil, a lei Antiterrorismo 13.260/2016 foi sancionada com vetos pela então presidente do país, Dilma Roussef, publicada em 16 de março do mesmo ano. Atualmente, há uma proposta que busca endurecer ainda mais essa lei, aumentando as brechas para a criminalização dos movimentos populares. Trata-se do Projeto de Lei do Senado - PLS 272/2016 que propõe alterações nos pontos que haviam sido vetados pela ex presidente. O atual presidente da república, Jair Bolsonaro, líder da extrema direita, eleito no ano de 2018 se posicionou favorável a criminalização de movimentos sociais e populares identificados com a esquerda⁴.

³ Movimientos sociales y democracia en América Latina frente al neoliberalismo de guerra; J. Seoane y María José Nacci, 2005

⁴ <https://www.brasildefato.com.br/2018/11/20/pl-que-endurece-lei-antiterrorismo-pretende-criar-o-terrorista-afirma-jurista/>

Em 13 de fevereiro de 2019 foi aprovada pelo plenário da Câmara dos Deputados o Projeto de Lei nº 10.431/2018 chamado de Lei Antiterrorismo, permite que sejam aplicadas imediatamente sanções impostas pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas para pessoas, empresas e entidades investigadas por terrorismo. O texto foi encaminhado para aprovação do Senado Federal. Representantes de partidos da esquerda se posicionaram contra argumentando que o objetivo seria criminalizar os movimentos sociais. O deputado Fábio Trad (PSD – MS) disse que há uma ressalva para não afetar pessoas em protestos, partidos, sindicatos e movimentos sociais. “Não há criminalização de movimento social”, assegurou⁵.

No dia 08 de dezembro de 2018, dois dias antes da comemoração dos 70 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, Rodrigo Celestino e José Bernardo da Silva, conhecido como Orlando Bernardo, dois líderes do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), foram assassinados a tiros em um acampamento na Paraíba, na cidade de Alhandra, a 45 km da capital João Pessoa. Em nota, a direção do MST na Paraíba disse que o crime foi cometido por pessoas encapuzadas equipadas com armamento pesado. “Isso demonstra a atual repressão contra os movimentos populares e suas lideranças”⁶.

Com as disparidades sociais cresce o “medo do outro”⁷ (2000, apud SVAMPA, Maristela, 2007, p.11). Diante do crescimento da desigualdade, o Estado encoraja um sistema de repressão oficial. Aparece o “estado de segurança”, no extremo um “estado criminoso” que mostra como a pobreza e os locais onde ela se concentra são vistos:

En el marco del Estado penal, todo pobre es considerado un delincuente potencial, lo cual se operativiza a través de las instituciones policiales. Más aún, la figura de la peligrosidad social tiende a concentrarse en los jóvenes pobres, habitantes de barrios marginales, los cuales son considerados en el límite como la población sobrante, en el marco de una sociedad excluyente (SVAMPA, 2007: p. 11)

O poder político enrijece a legislação e seletividade penal com programas de segurança aumentando o efetivo nas ruas, principalmente nos territórios mais pobres. O Estado é visto pelos meios comunicacionais como causador da conjuntura de insegurança, enchendo as celas com a população pobre, buscando dissolver o limite entre crime e

⁵https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2019/02/13/interna_politica,737129/governo-conquista-vitoria-na-camara-e-aprova-lei-antiterrorismo.shtml

⁶ <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/12/lideres-do-mst-sao-mortos-a-tiros-em-acampamento-na-paraiba.shtml>

⁷ Ramos, Marcela y Guzmán, Juan A. La Guerra y la Paz Ciudadana. Santiago: LOM, 217 p., 2000

protesto social. Outro ponto é tornar natural a conexão entre “pobreza” e “crime”, separando as populações com menos recursos financeiros como “classes perigosas”, discriminando as do resto da sociedade, e indicando seus locais de moradia como nascentes da criminalidade. Isso abre espaço para que as custas da manutenção da lei, existam locais de não-lei ou “estados de exceção”⁸ (2004, apud SVAMPA, Maristela, 2007, p.12) onde há método de ação da polícia e descumprimento dos direitos primordiais.

Esse processo de oposição ao mais pobres faz parte da “nova geografia da centralidade e da marginalidade”⁹ (2003, apud SVAMPA, Maristela, 2007, p.12) enquanto as cidades reúnem o poder das corporações e as pessoas com menos recursos financeiros, estas vistas como “invasoras” que vem das periferias para “cercar”, “sitiar” o centro.

Es sin duda esta presencia inquietante de los excluidos en el centro de las ciudades lo que ha provocado la multiplicación de los prejuicios clasistas y racistas en las clases medias y los sectores de poder. En el cruce de estas asimetrías y procesos de segregación, y en función de su propia tradición cultural y política, cada país va reelaborando, potenciando o reactivando ciertas representaciones y estereotipos negativos relativos a los excluidos (SVAMPA, 2007: p. 13)

A pesquisa “Trabalho sujo ou missão de vida? Persistência, reprodução e legitimidade na ação da Polícia Militar de São Paulo”, apontou que 6,1 adolescentes foram mortos por agentes a cada mil apreensões em flagrante de 2013 a 2016, entre os adultos o número foi de 3,4 mortes a cada mil prisões. A letalidade foi usada como política preventiva. Entre os mais jovens, haviam garotos de 10 e 11 anos, todos moradores de bairros periféricos da Grande São Paulo. O estudo é de autoria da socióloga Samira Bueno, que no período de quatro anos analisou 3.107 registros¹⁰.

Santos (2008, p.67) diz que a classe média tem mais apego ao consumo do que a cidadania. O que causa a complacência, ou até mesmo a conivência com o regime autoritário. Santos mostra a violência estrutural como resultado da manifestação de três fatores em estado puro: dinheiro, competitividade e potência. Essa conjunção traz a tona

⁸ G.Agamben, El Estado de excepción, Buenos Aires, Adriana Hidalgo, 2004.

⁹ S.Sassen, Los espectros de la globalización, Fondo de Cultura Económica, Buenos Aires, 2003.

¹⁰ <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/05/policia-mata-mais-homens-negros-e-jovens-no-estado-de-sao-paulo.shtml>

novos totalitarismos, que ele associa a globalização e renomeia como “globaritarismos”. O Estado deixa de atender as populações para servir a economia. A violência aumenta o medo. Pobreza e desemprego passam a ser vistos como situações naturais.

No ano de 2017, Marcelo Alonso, um cidadão do Rio de Janeiro, fez a proposta de uma ideia legislativa no E-cidadania, portal do Senado brasileiro. Marcelo propôs considerar o funk, ritmo musical comum nos subúrbios cariocas e periferias de São Paulo, como “crime de saúde pública”, contra “crianças, adolescentes e família”. A proposta teve 52.858 votos sim contra 38.477 votos não. Cumprindo o Regimento Interno do Senado, por ter recebido mais de 20 mil assinaturas de apoio, foi transformado na Sugestão Legislativa SUG 17/2017, analisada e rejeitada pela Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa (CDH) em 21/09/2017. O texto passou por audiência pública onde foi considerado “uma ofensa às liberdades individuais, assim como um ato de discriminação contra a juventude que aprecia a cultura do funk, boa parte jovens de periferia e favelas que encontram no ritmo formas de expressão e identidade”¹¹.

Este exemplo de criminalização da pobreza, a partir de suas manifestações culturais populares de origem negra já existiu no passado, quando o samba e a capoeira passaram por um processo semelhante. No Decreto nº 847 de 11 de outubro de 1890, o então general Manoel Deodoro da Fonseca promulgou o Código Penal dos Estados Unidos do Brasil. Nele, o capítulo XIII trata sobre “vadios e capoeiras”¹².

2. Como a comunicação pode transformar as periferias em polos de resistência e enfrentamento

Para falar sobre comunicação, partimos da premissa da midiaticização como uma nova ambiência. Muniz Sodré usa uma classificação feita por Aristóteles em “Ética a Nicômaco” de três gêneros existenciais (bios) para falar da midiaticização como um novo bios, um quarto âmbito além dos anteriores (vida contemplativa, vida política e vida prazerosa/ vida do corpo). Nesse novo bios midiático, a tecnointeração atua como

¹¹ <https://www2.senado.leg.br/noticias/materias/2017/09/13/criminalizar-funk-e-discriminar-juventude-das-periferias-avaliam-debatedores-na-cdh>

¹² <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaoriginal-1-pe.html>

“prótese tecnológica e mercadológica da realidade sensível, denominada medium” com interesses hegemônicos.

A astúcia das ideologias tecnicistas consiste geralmente na tentativa de deixar visível apenas o aspecto técnico do dispositivo midiático, da “prótese”, ocultando a sua dimensão societal comprometida com uma forma específica de hegemonia, onde a articulação entre democracia e mercadoria é parte vital das estratégias corporativas. Essas ideologias costumam permear discursos e ações de conglomerados transnacionais e de ideólogos dos novos formatos de Estado (SODRÉ, 2002: p. 22)

Em contrapartida aos modelos hegemônicos, existem outros modelos de mídia e jornalismo que recebem nomes de comunitário, alternativo, cívico, cidadão, contra - hegemônico.

A práxis jornalística alternativa tem como perspectiva a reconstrução da esfera pública a partir dos valores da igualdade de oportunidades, da equidade, da democracia radical e da subordinação dos interesses econômico-privados aos interesses coletivos. Não se trata apenas e tão-somente de defesa dos valores da democracia institucional, mas de uma atitude radicalmente democrática, que passa pela abertura dos espaços midiáticos a todos os segmentos sociais, rompendo com o cerco da agenda de fontes oficiais; pela plena referência na produção das informações no sujeito-cidadão e não no sujeito-consumidor (OLIVEIRA, 2009, p.6)

Oliveira (2014) diz que a prática jornalística emancipatória costuma ser engajada, por essa razão esse tipo de atividade tem caráter “episódico” nas mídias hegemônicas, para não criar contraste com a ideologia de interesses do veículo. Para o autor, o jornalismo emancipatório é

uma prática jornalística que constrói um olhar crítico de personagens, cotidiano e ambiente buscando deslocá-los da sua funcionalidade e reposicioná-los dentro de uma perspectiva estrutural (OLIVEIRA, 2014, p. 231/232)

De acordo com Downing (2002, p.14), na mídia radical, os produtores e receptores são as mesmas pessoas. Essa mídia geralmente é de pequena escala, com poucos fundos, às vezes não são muito conhecidas. Costumam sair na frente, mostrando assuntos que só mais tarde serão vistos pela mídia oficial. Tentam ser mais democráticas do que as mídias oficiais. Podem durar pouco ou por muitos anos. São muito diversas entre si, mas todas buscam expressar verticalmente oposição às estruturas de poder, e obter horizontalmente apoio, numa rede contrária a políticas públicas, ou de sobrevivência diante desta estrutura de poder.

Radical não seria apenas o uso das ferramentas técnicas de rádio, vídeo, imprensa e internet, mas também uma variedade de outras atividades como dança, teatro, música, grafite e outras intervenções de baixo custo que além dos objetos, transformam corpos, vozes e vestimentas em “mídias”. Essas manifestações são bastante comuns nas periferias, feitas por indivíduos e coletivos nas ruas, centros culturais e outros espaços.

Downing (2002) deixa de lado os conceitos de público, espectador e leitor, prefere usar o termo “audiência ativa”, que pode se relacionar com alguns movimentos sociais, construindo uma espécie de esfera pública alternativa. Embora a palavra audiência sugira uma atividade que nos faça pensar em sujeitos passivos diante de uma tela em um espaço fechado, e a palavra movimento social sugira atividades nas ruas, ambos não vivem separados. E essas audiências podem atuar como coarquitetas, coautoras juntamente com os produtores.

Santos (2008, p.59) enxerga o poder vindo das bases diante da racionalidade hegemônica como contra-racionalidades e racionalidades paralelas relacionadas, denominadas de irracionalidades, um novo formato de racionalidades, realizadas e preservadas por aqueles que estão “abaixo”, em especial os pobres, que assim conseguem se esquivar do totalitarismo da racionalidade imperante.

Um dos aspectos presentes nas bases é a presença da solidariedade. Santos (2008, p.65) fala da diferença entre miséria e pobreza. Enquanto a primeira é o desprovido absoluto, a segunda é situação de insuficiência, “mas também de luta, um estado vivo, de vida ativa, em que a tomada de consciência é possível”. Os “não possuidores” de bens limitados cultivam bens ilimitados como a solidariedade e a liberdade, quanto mais são cedidos mais se elevam.

Os “de baixo” encontram na cultura popular o espaço para ampliar suas vozes. Santos (2008, p.70) diz que no período demográfico ou popular há uma superioridade da cultura popular, vinda diretamente do público, de baixo para cima com potencial de oposição à cultura de massa, vinda de cima para baixo, comercializada pelas indústrias de rádio, televisão e publicidade. É a cultura popular que transmite o discurso “de baixo” colocando em evidência “o cotidiano dos pobres, das minorias, dos excluídos, por meio da exaltação da vida de todos os dias”.

Uma cultura da vizinhança com base territorial, cotidiana e no trabalho. Resulta em economia, cultura, discurso e política, todos territorializados. Essa precariedade da falta de recursos também pode inspirar soluções para o renascimento da técnica, pelo uso com consciência e imaginação. A facilidade de uso das técnicas atuais, ou grau de “docilidade”, segundo Santos (2008, p.81) proporciona exercer a individualidade, o aparecimento e desenvolvimento de demandas da sociedade e da individualidade.

Na visão de Maristela Svampa, a ação direta tem o papel de ferramenta eficiente de luta para as pessoas destituídas de poder, diante dos detentores de poder, no atual cenário assimétrico. O território, espaço poderoso de disputas, de resistência, de construção de novas relações sociais e novos significados, por meio da auto-organização comunitária, que busca satisfação de necessidades básicas.

Los movimientos sociales latino-americanos constituyen como movimientos territoriales, a partir de una clara defensa y promoción de la vida y la diversidad, reuniendo en un solo haz comunidad, territorio y cultura (SVAMPA, 2007: p. 3)

Nesses territórios, seus habitantes começaram a desenvolver décadas atrás formas de contar suas próprias histórias, que foram se modificando através da facilitação do acesso às ferramentas como computadores e celulares, passando a contar com uma maior criação de blogs, páginas em mídias sociais, jornais, coletivos e outras ferramentas de comunicação.

3. O surgimento da Agência Mural de Jornalismo das Periferias

O verbete periferia aparece no dicionário Aurélio definido como “a região mais afastada do centro urbano”, e esse afastamento não é apenas geográfico, mas um afastamento de acesso a direitos e outros recursos.

Se, por um lado, as periferias sofrem descaso por parte do Estado, por outro lado, elas também são espaços muito ricos em diversidade cultural. Foram esses territórios que sempre acolheram os migrantes de outros estados brasileiros. E, na atualidade, também acolhem os imigrantes refugiados, de origem africana, e também de origem latina. Todos

em busca de acesso a condições acessíveis economicamente para trabalhar, residir e reestruturar a vida.

Para Oliveira (2017) a posição explícita da prática jornalística emancipatória é

ser contra as estruturas institucionais e não institucionais de opressão. Mas não se trata apenas de um jornalismo de denúncia, pois procura registrar como os seres humanos submetidos a este processo de opressão atuam em fenômenos singulares (OLIVEIRA, 2014, p. 231/232)

É com essa prática emancipatória que a Agência Mural de Jornalismo das Periferias busca tratar a diversidade cultural existente nesses territórios. Desde o surgimento do projeto como Blog Mural, durante oficinas de jornalismo cidadão, ministradas por Bruno Garcez, correspondente da BBC Brasil em Londres. Garcez desenvolveu as oficinas em um ano que tirou licença e estava no Brasil.

O projeto começou no ano de 2010, quando Garcez era bolsista da Fundação Knight, oferecida pelo International Center for Journalists (ICFJ), uma entidade promotora de iniciativas pioneiras de jornalismo em várias partes do mundo. As oficinas foram realizadas nos meses de junho, agosto e outubro de 2010, na sede do jornal Folha de São Paulo, durante quatro finais de semana. O grupo inicial foi formado por 25 pessoas, nem todas formadas em jornalismo, mas que tivessem experiência em escrever textos, contar histórias, experiências com blogs, vídeo, fotografia, etc.

Garcez buscou por moradores de bairros periféricos da cidade, que tivessem ingressado no ensino superior em universidades particulares por meio de bolsas e programas de inclusão, como o Programa Universidade para Todos, popularmente conhecido como ProUni. Outro critério seria que a pessoa pudesse ser um porta voz do bairro, e se preocupasse com os problemas da região onde morava. Essa busca por mudanças na comunidade tem uma ligação com o papel da cultura na atualidade apontado por Bauman, que não busca mais a “conservação do estado atual, mas a poderosa demanda por mudança constante”

A cultura agora é capaz de se concentrar em atender às necessidades dos indivíduos, resolver problemas e conflitos individuais com os desafios e problemas da vida das pessoas (BAUMAN, 2013, p. 17)

As aulas das oficinas de jornalismo ministradas por Garcez começavam com leitura e análise de jornais, de como as periferias eram retratadas. Depois de três turmas de jornalistas cidadãos, 20 participantes decidiram escrever regularmente e

voluntariamente para o blog chamado Mural Brasil, um projeto multimídia de jornalismo cidadão criado na plataforma WordPress.

O blog hospedava vídeos e textos feitos por jornalistas vindos de bairros da periferia de São Paulo como Itaim Paulista, Pirituba, Capão Redondo, Jardim Brasília, Jardim Ângela, entre outros. O objetivo de dar um outro olhar, vindo de uma minoria, dentro de uma área que não estava sendo vista integralmente pela mídia hegemônica. Uma forma de amplificar as vozes dessa população.

Após um ano de existência, no dia 24 de novembro de 2010, o blog Mural passou a ser hospedado na seção de blogs dentro do site do jornal Folha de São Paulo, veículo da mídia hegemônica, fora do paywall,(área paga do site), o blog pode ser acessado sem limite de visualizações. Possui conteúdo exclusivo, foi coordenado pela jornalista Izabela Moi, enquanto ela trabalhou no veículo. O projeto não tinha patrocínio, a Folha apenas cedia o espaço para o blog em seu site, e o espaço físico para reuniões mensais dos jornalistas correspondentes, que entre si passaram a se chamar de “muralistas”.

Depois de um período a Folha passou a pagar pelas colaborações do blog. Alguns jornalistas correspondentes do Blog Mural foram contratados pelo jornal Folha de São Paulo. Começaram a surgir algumas colaborações do blog no jornal impresso. E desde 2014 começou uma parceria de dicas culturais no Guia Folha na versão web e impresso.

O primeiro endereço do blog foi <http://mural.folha.blog.uol.com.br/>, mas em fevereiro de 2012, a Folha passou por uma mudança na plataforma dos blogs, e o endereço mudou para <http://mural.blogfolha.uol.com.br/>, endereço que permanece até os dias atuais.

O processo de formalização como “Agência Mural de Jornalismo das Periferias” começou no ano de 2015, com a busca de campanha de financiamento para ter um Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ). Assim, o Blog Mural passou a ser um dos produtos da agência. Uma nova parceria foi criada com a Rede Nossa São Paulo, e apoio da Ford Foundation, possibilitando a criação do site “32xSP”, que traz notícias das 32 subprefeituras da cidade de São Paulo. Enquanto o site da Agência Mural e os textos publicados no Blog Mural, trazem notícias também da Grande São Paulo.

Atualmente a agência é uma associação com CNPJ próprio, o que possibilita participação em editais e outras formas de autogestão financeira como veículo de mídia.

No ano de 2018, a Agência conseguiu financiamento da Open Society Foundations, fundada por George Soros, a organização “apoia indivíduos e organizações de todo o mundo lutando por liberdade de expressão, transparência, governo responsável e sociedades que promovam justiça e igualdade”.

A Agência Mural de Jornalismo das Periferias realiza oficinas de comunicação na área da educação por meio dos projetos “Mural nas escolas” e “Mural nas universidades. A maioria das escolas visitadas são públicas e em bairros periféricos, algumas onde muralistas que um dia foram alunos retornam como jornalistas. A maior parte das universidades visitadas são privadas e localizadas em bairros centrais, mas que concentram alunos vindos das periferias que estudam perto do trabalho/ estágio. Esses projetos voltados para os estudantes dos ensinos médio e superior, levam mais conhecimento e compreensão sobre a diversidade cultural e a diferença da cobertura midiática realizada sobre as periferias.

Outra forma de criar proximidade com o público leitor é a realização da Expo Mural, um projeto itinerante realizado desde 2014. A exposição é montada dentro de eventos culturais como feiras, saraus e outros, realizados em bairros periféricos, mostrando matérias publicadas sobre o local, geralmente com a presença do correspondente da região. É uma forma de mostrar o trabalho, ampliar, fortalecer e estabelecer novos vínculos com as fontes, com os leitores e com a comunidade. Já que um dos desafios das mídias alternativas é não ter a mesma popularidade e alcance de outros veículos de comunicação como a televisão aberta, por exemplo. Dos 69,3 milhões de moradias no país, só 2,8% ou 1,9 milhões de pessoas não tem televisão, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua 2016 divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹³.

No ano de 2016, a Agência Mural foi o quarto veículo brasileiro a firmar parceria com a Global Voices, uma comunidade presente em mais de 167 países com mais de 1400 autores e tradutores. O objetivo dessa parceria é levar ao conhecimento de cidadãos espalhados por diversas partes do mundo o que acontece nas periferias da cidade de São Paulo e sua região metropolitana, áreas que raramente são cobertas pelos veículos da

¹³ <http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2018-02/uso-de-celular-e-acesso-internet-sao-tendencias-crescentes-no-brasil>

mídia hegemônica. Os outros veículos brasileiros parceiros do Global Voices são a Agência Pública, o MigraMundo e Info Amazônia.

No ano de 2018, a Agência Mural de Jornalismo das Periferias, por meio do projeto Mural nas Escolas, realizou um programa de bolsas chamado “Acontece na Escola”, que recebeu dezenas de propostas e premiou dez estudantes do ensino médio de escolas públicas da região metropolitana de São Paulo, que produziram conteúdo jornalístico sobre temas do cotidiano escolar, com apoio de um muralista como colaborador, os estudantes receberam um valor de R\$600,00 cada.

4.1. Horizontalidade e auto-organização da Agência Mural de Jornalismo das Periferias

Desde o surgimento como blog, o Mural se consolidou como um espaço para discutir sobre jornalismo, periferias, sobre como melhorar a forma de representação destes espaços geográficos pela mídia. Cada correspondente foi se inserindo como um dos protagonistas, cada um escrevendo postagens que comessem a consolidar essa transformação, partindo de dentro das próprias periferias. Correspondendo ao que Oliveira citou como “criar espaços de construção de sociabilidades alternativas pontuais, assistemáticas, ou mais estruturadas”.

Oliveira (2017) diz que o diálogo é mais do que um procedimento de metodologia, e sim um ítem essencial para uma “ação cultural emancipatória” ou “ação cultural para a liberdade”, como Paulo Freire nomeou sua proposta educativa, na qual o ponto de partida seria a ação dos oprimidos. No caso da Agência, os oprimidos seriam os moradores das regiões periféricas, e também, os jornalistas correspondentes e moradores dos bairros das periferias de São Paulo e Grande São Paulo.

O Mural é organizado de forma horizontal, ou seja, as decisões são discutidas durante as reuniões mensais, nas quais são apresentadas pautas, novas ações, etc. Há uma equipe menor, denominada como comissão editorial, que fica responsável pela edição final, postagem e publicação nos sites e redes sociais da agência. As reuniões presenciais são realizadas uma vez por mês. No dia a dia, o grupo mantém contato por grupo de e-mails, grupo secreto no Facebook e grupo de muralistas no Whatsapp.

Para o público em geral existe página no Facebook; um grupo aberto para parceiros e amigos do Mural; perfil no Twitter; perfil no Instagram, com fotos feitas pelos muralistas e enviadas pelos leitores; perfil no Youtube, com algumas matérias feitas em vídeo. A seleção de novos correspondentes ocorre pelo menos uma vez por ano, por processo seletivo com etapas eliminatórias de classificação envolvendo análise de currículo, etc.

Os temas que o Mural não trata são violência e trabalhos realizados por empresas e ONGs nas periferias. O primeiro, por não ter como garantir a segurança física dos correspondentes. E o segundo tema não mostraria o protagonismo das periferias, e serviria apenas como “publicidade” para ações assistencialistas dessas instituições. A opção é dar visibilidade às ações na periferia, feitas pelas próprias pessoas das periferias, sem interferência de empresas e grupos particulares externos.

Em 2018 a Agência Mural participou de um debate na Escola do Parlamento chamado “Muito além do pastel de feira: política na periferia”. O nome foi inspirado no fato de que essas regiões são visitadas pelos políticos nas padarias e feiras livres a cada dois anos em época eleitoral, quando candidatos a cargos públicos costumam ser flagrados mordendo pasteis de feira, tomando café preto em copo americano, segurando alguma criança no colo, andando de transporte público no trem ou metrô.

A mídia hegemônica promove um verdadeiro bombardeio de informações de várias partes do mundo, mas peca em fornecer informações úteis sobre os bairros mais afastados. Muitas vezes, este tipo de mídia só põe os pés, ou helicópteros sobre a periferia diante de tragédias, mas não conta outras histórias cotidianas, que por não conterem violência, não dão grande audiência. É graças a existência de projetos como a Agência Mural, que é possível ter outras vozes falando das periferias, dentro delas, com outras temáticas além do binarismo da violência e histórias de superação.

Muitas pautas descobertas pelos correspondentes da Agência Mural acabam sendo procuradas pelas redes de televisão de veículos hegemônicos, que amplificam a repercussão do assunto, dando a impressão de terem “descoberto” a informação, já que eles não citam que encontraram e pediram as fontes do site de um veículo alternativo. Quando um integrante de uma mídia hegemônica pede o contato de uma fonte, o correspondente da Agência Mural sempre consulta a fonte antes de passar os contatos dela. Geralmente as fontes aceitam e podem ganhar mais visibilidade para seus projetos,

quando algumas dessas pautas chega à televisão aberta. Os muralistas preservam suas fontes, e se queixam da atitude de alguns jornalistas das mídias hegemônicas que pedem as fontes dos correspondentes periféricos e nunca dão a estes ou à Agência Mural os créditos de seu trabalho.

A cobertura das periferias feita pela mídia hegemônica muitas vezes é estereotipada, centrada apenas na violência e nos problemas, do que nas potencialidades. Os moradores dessas regiões não têm controle sobre como serão representados. Roberts explica sobre os destinatários e falta de controle da representação da realidade:

“Na medida em que o destinatário não é capaz de controlar a precisão da representação da realidade social, tendo por base um *standard* exterior aos *mass media*, a imagem que, por intermédio dessa representação, ele forma, acaba por ser distorcida, estereotipada ou manipulada (ROBERTS¹⁴ apud WOLF, 1999, p. 145)

As sedes dos veículos de comunicação da mídia hegemônica geralmente estão localizadas em áreas centrais, em bairros mais estruturados. É comum que as redes de televisão busquem falar com pessoas em lugares como a Avenida Paulista, por exemplo. Para os moradores dessas regiões não é incomum encontrar jornalistas e cinegrafistas fazendo alguma cobertura quase que diariamente.

Nas periferias, a presença do voo de um helicóptero no céu, ou a vinda de um carro com logomarca de mídia hegemônica, gera olhares curiosos e assustados dos moradores. Estes, perguntam a quem estiver por perto se aconteceu algum fato negativo para justificar a presença de uma equipe de televisão e/ou jornal naquele local. Pessoas de regiões que estão acostumadas a serem esquecidas no cotidiano, e lembradas apenas nos dias de tragédia. É custoso para o jornalismo hegemônico manter algum tipo de observação constante nas periferias. Wolf fala sobre a omissão, não cobertura e cobertura modesta como efeitos do difícil e oneroso acesso a fontes:

A omissão, a não- cobertura de certos temas, a cobertura intencionalmente modesta ou marginalizada que alguns assuntos recebem. Este tipo de agenda *setting* funciona, certamente, para todos os *mass media*, para lá das diferenças técnicas, jornalísticas, de linguagem, pelo simples fato de o acesso a fontes alternativas àquelas que garantem o fornecimento constante de notícias ser bastante difícil e oneroso (WOLF, 1999, p. 151)

¹⁴ ROBERTS, D. The Nature of Communication Effects, in Schramm w. Roberts D. (eds), pp. 349-387, 1972

A Agência Mural dispara um boletim quinzenalmente por e-mail e alguns assinantes são jornalistas de veículos da mídia hegemônica, o que pode explicar como algumas pautas são encontradas por eles e levadas para outros veículos e canais, que olham para a agência como uma forma mais fácil de se aproximar de boas histórias dentro das periferias.

4.2. Como as mídias hegemônicas tem usado a Agência Mural como banco de fontes e pautas nas periferias

Para fazer a análise comparativa entre a Agência Mural e a mídia hegemônica foram escolhidos quatro exemplos de assuntos diversos, passando por temas como cultura, com a história de um morador que construiu um castelo com sobras de materiais no bairro do Tremembé e o Documentário ‘Rua Comprida’ que retrata vida de moradores de Vila Mazzei. Um acidente envolvendo um ônibus e o muro de um condomínio residencial no bairro de Jova Rural. Esses três localizados em bairros da zona norte da capital. E por último, um exemplo da zona leste, a historiadora negra de Guaianases que resgatou a memória e cultura afrodescendente da região em sua pesquisa de mestrado.

São mostradas algumas situações em que a Agência Mural foi pioneira em tratar temas que só depois ganharam atenção das mídias hegemônicas, que muitas vezes acabam usando o material da Agência para encontrar fontes nas periferias, sem ter o trabalho de campo de ir até elas. Tática usada pelo R7, e pelo jornal Folha de São Paulo que hospeda o Blog Mural em seu site na plataforma de blogs.

Sair na frente mostrando assuntos que só mais tarde serão vistos pela mídia oficial é uma das características da mídia radical por Downing (2002). Mostrar como os moradores das periferias submetidos aos processos opressores atuam nos fenômenos singulares é visto como posição explícita da prática jornalística emancipatória por Oliveira (2017).

4.2.1. Morador faz castelo com sobras de materiais no Tremembé

No dia 22 de janeiro de 2018 foi publicada no Blog Mural a matéria de Priscila Gomes “Morador faz castelo com sobras de materiais no Tremembé”¹⁵. Contando como Geraldo dos Santos Matos, 62 construiu um castelo na região do Tremembé, na zona norte de São Paulo, desde os primeiros desenhos feitos por ele aos 14 anos. Contando sobre a vida dele onde nasceu, o que fazia, além de vários números e curiosidades sobre os andares da construção. Também teve falas de dois vizinhos dele, Sérgio Santos, 23 e Jonatan Silva, 20. No texto há uma galeria com 12 fotos com detalhes da construção como torre, piscina, a frente do castelo e o primeiro tijolo da construção.

Um jornalista da mídia hegemônica entrou em contato com a muralista para pedir o contato do morador Geraldo dos Santos. Quatro dias depois da publicação no Blog Mural, em 26 de janeiro foi publicada reportagem em vídeo com dois minutos e dezoito segundos de duração, no site da TV Gazeta¹⁶ com o morador Geraldo dos Santos, 62 falando sobre o castelo, mostrando alguns detalhes que tinham no texto como a construção ter iniciado em 1983 e o desenho ter sido feito pelo morador aos 14 anos. Também mostrou uma criança da vizinhança na piscina do castelo. O vídeo praticamente foi uma cópia da matéria feita em texto pela correspondente da Agência Mural.

4.2.2. Documentário ‘Rua Comprida’ retrata vida de moradores da Vila Mazzei

No dia 12 de março de 2018 foi publicada no Blog Mural a matéria de Priscila Gomes “Documentário ‘Rua Comprida’ retrata vida de moradores da Vila Mazzei. Na matéria ela conta como o Vinícius Bopprê, jornalista da região do Tucuruvi teve a ideia de fazer um documentário sobre a região onde morava, a “Rua Comprida”¹⁷.

Na matéria Gomes conversou com o jornalista e com quatro personagens do documentário: Mara Lopes, 63, que fala sobre ter parado de fumar; Márcia Aoun, 48, que fala sobre tratamento de câncer de mama; Ronald Jantke, 58, apaixonado por bicicletas e

¹⁵ <https://mural.blogfolha.uol.com.br/2018/01/22/morador-faz-castelo-com-sobras-de-materiais-no-tremembe/>

¹⁶ <https://www.tvgazeta.com.br/videos/um-castelo-feito-com-pecas-lixo/>

¹⁷ <https://mural.blogfolha.uol.com.br/2018/03/12/documentario-rua-comprida-retrata-vida-de-moradores-da-vila-mazzei/>

frequentador de bailes da terceira idade; e por último Shirley da Conceição, 53, que falou de relacionamentos amorosos e fé.

Um jornalista da mídia hegemônica entrou em contato com a correspondente do Blog Mural e pediu o contato do jornalista Vinícius Boprê. Alguns meses depois, no dia 22 de junho de 2018 foi publicada reportagem em vídeo com dois minutos e vinte e dois segundos de duração, no site da TV Gazeta¹⁸ que mostrou o jornalista Vinícius Boprê, e duas das quatro personagens do documentário, que tinham sido entrevistadas pela correspondente do Blog Mural meses atrás: Mara Lopes, 63, que parou de fumar após o documentário e Shirley da Conceição, 53, que fala de ter sofrido uma traição do namorado. Mais uma matéria em vídeo que aparentava ser uma mera transposição do texto da Agência Mural para o formato vídeo com menos fontes.

4.2.3. Acidente de ônibus na Jova Rural em 17 de julho de 2018

No dia 17 de julho de 2018 aconteceu um acidente com um ônibus derrubando um muro de um condomínio residencial no bairro de Jova Rural, na zona norte de São Paulo. O acidente aconteceu por volta das 6h da manhã. Helicópteros das redes de televisão estiveram sobrevoando o local horas depois da ocorrência para mostrar o ônibus que ficou pendurado.

O primeiro texto da mídia hegemônica foi o do R7¹⁹, postado às 09h54 da manhã falou sobre o acidente com informações oficiais da Polícia Militar e nota da São Paulo Transporte S. A. (SPTrans) por meio da Prefeitura Municipal de São Paulo. Não falaram com nenhum passageiro e/ou morador da região, mas tiveram acesso à câmera de segurança do condomínio que teve o muro derrubado.

¹⁸ <https://www.tvgazeta.com.br/videos/serie-de-documentarios-traz-historias-de-moradores-da-vila-mazzei-na-zona-norte/>

¹⁹ <https://noticias.r7.com/sao-paulo/veja-momento-em-que-onibus-bate-em-muro-na-zona-norte-de-sp-17072018>

O segundo texto da mídia hegemônica foi do G1²⁰, postado às 12h08, também se limitava a poucas informações sobre o acidente, e fotos aéreas feitas pelo helicóptero. Não há nenhuma fala das vítimas, não conseguiram sequer os nomes das pessoas levadas para os hospitais. Não buscaram outras pessoas que estivessem presentes no veículo, ou moradoras do prédio.

O texto do Blog Mural²¹ foi postado às 17h50, porém trazia informações de um texto anterior²² sobre outro acidente ocorrido no ano de 2012, no mesmo trecho da rua, com a mesma linha de ônibus. Esse texto publicado em 06 de fevereiro de 2012 relatava que o bairro não tinha nenhum item de sinalização de trânsito como: semáforos, faixas de pedestres, lombadas, medidor de velocidade e placas. Há um relato sobre solicitação de sinalização feita no Serviço de Atendimento ao Cidadão da Prefeitura Municipal de São Paulo, que não foi atendida. Havia também uma frase que depois se mostrou como premonitória: “Se nada for feito a respeito, os acidentes vão continuar a ocorrer”. A matéria de 2018 falou de pequenas mudanças ocorridas desde o primeiro acidente com link para essas alterações como o surgimento das primeiras faixas de pedestres pintadas no bairro, e para outra matéria, em que moradores de outro trecho dessa mesma rua improvisaram a sinalização de trânsito, depois de alguns acidentes com motocicletas, incluindo um atropelamento que causou o óbito de uma criança. Também há relatos de duas vítimas do atual acidente de ônibus, falando sobre o que aconteceu dentro do ônibus e as consequências na vida delas naquela data. Além de outras moradoras da região que falaram sobre a situação precária dos ônibus na região. Pessoas que estavam no ônibus foram localizadas por meio de uma página do bairro Jova Rural no Facebook algumas horas depois da ocorrência no início da manhã.

²⁰ <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/onibus-atravesa-muro-e-deixa-3-feridos-na-zona-norte-de-sp.ghtml>

²¹ <https://mural.blogfolha.uol.com.br/2018/07/17/via-onde-onibus-bateu-na-zona-norte-de-sp-tem-historico-de-acidentes/>

²² http://mural.folha.blog.uol.com.br/arch2012-02-05_2012-02-11.html#2012_02-06_13_22_38-154875123-26

4.2.4. Sheila Alice, a historiadora negra moradora de Guaianases

Em 04 de maio de 2016 foi postada no Blog Mural a matéria²³ escrita pela então, muralista correspondente do bairro de Guaianases, Daiane Cristina da Silva, sobre a pesquisa de mestrado da historiadora Sheila Alice Gomes da Silva. Na matéria além das falas da historiadora, estão as falas de duas mulheres negras cujos relatos entraram na tese como Izilda Lopes e Penha Severino.

Pouco mais de um mês depois, no dia 18 de junho a Folha de S. Paulo²⁴ publicou no caderno Cotidiano, uma matéria feita com Silva, escrita em colaboração por Cláudio Goldberg Rabin. Nessa matéria Cláudio apresentou a historiadora como uma “arqueóloga da cultura negra”. Relata um passeio com Silva pelas ruas do bairro e visita a duas pessoas do bairro que não falam, mas têm seus nomes mencionados, uma dessas pessoas é Penha Maria Lima Severino, que apareceu nos dois textos, mas teve voz apenas no material que feito pela correspondente do Blog Mural. A outra pessoa citada é o comerciante José Celso. Cláudio relata que Silva pediu ao comerciante para entrar em sua casa e observar o bairro do alto. “Como se fosse uma cidade do interior, ele permite a entrada, mesmo sem conhecê-la”. O jornalista descreve com certo estranhamento a cena que presenciou em Guaianases, bairro da periferia na zona leste de São Paulo.

Silva faleceu em 15 de agosto de 2018. A proximidade dos correspondentes da Agência com a historiadora possibilitou que Blog Mural soubesse da morte dela no mesmo dia e fizesse uma matéria²⁵ publicada no dia seguinte, retomando as descobertas feitas por Silva em sua pesquisa durante o mestrado. Há o link para a dissertação da historiadora. O depoimento de um amigo próximo, o comunicado oficial de um coletivo de pesquisadores da região do qual ela fazia parte e informações sobre o sepultamento.

²³ <https://mural.blogfolha.uol.com.br/2016/05/04/pesquisa-de-mestrado-resgata-memoria-negra-de-guaianases/>

²⁴ <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/06/1782984-historiadora-procura-raiz-negra-de-guaianases.shtml>

²⁵ <https://mural.blogfolha.uol.com.br/2018/08/16/morre-historiadora-que-mapeou-influencia-africana-em-guaianases/>

Por conter morte, um dos valores notícia, a postagem obteve um grande número de acessos.

A Folha, possivelmente guiada pela repercussão da audiência da matéria dentro do Blog Mural fez uma matéria²⁶ de obituário uma semana depois, no dia 22 de agosto, assinada por Ricardo Hiar que fez um apanhado geral sobre a vida da historiadora desde a infância até os sonhos que foram impedidos por sua morte aos 36 anos.

5. Considerações finais

Estariamos na aurora de uma nova era, em que a população, isto é, as pessoas constituiriam sua principal preocupação, um verdadeiro período popular da história, já entremostrado pelas fragmentações e particularizações sensíveis em toda parte devidas à cultura e o território (SANTOS, 2008, p.59)

No dia a dia os moradores das periferias sofrem inúmeros processos de opressão em questões que envolvem classe, raça e gênero, como machismo, racismo, ausência de direitos, genocídio da juventude negra, etc. O foco nas pessoas tem permitido que a produção narrativa cotidiana da Agência Mural ajude a pautar discussões vindas das periferias, que ainda não estão presentes nas mídias hegemônicas.

Nos exemplos foi apresentado como a mídia hegemônica se apropria das fontes e informações descobertas em primeira mão pela Agência Mural e usa em pautas na televisão, dias ou meses depois. Mesmo que entrevistem a mesma fonte acabam dando menos espaço e ênfase para as falas dos moradores da periferia. Até mesmo o jornal Folha de São Paulo que hospeda o Blog Mural em sua lista de blogs acaba revisitando pautas descobertas pela Agência Mural.

Iniciativas como a da Agência Mural de Jornalismo das Periferias são necessárias para preservar a diversidade cultural e midiática, ao difundir o protagonismo das periferias como territórios merecedores de uma cobertura jornalística de qualidade. A partir do protagonismo dos moradores em suas vivências cotidianas, e dos jornalistas que residem e trabalham nestas regiões, fazendo jornalismo na periferia não só para a periferia, mas para o mundo todo.

²⁶ <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/08/mortes-academica-engajada-estudou-origem-afro-de-bairro-em-sp.shtml>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AZEVEDO, A., VALENÇA, L. Governo conquista vitória na Câmara e aprova lei antiterrorismo. Correio Brasiliense, Brasília, 13 Fev. 2019. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2019/02/13/interna_politica_737129/governo-conquista-vitoria-na-camara-e-aprova-lei-antiterrorismo.shtml> Acesso em 13/02/2019.

BRASIL - **DECRETO Nº 847, DE 11 DE OUTUBRO DE 1890** - Publicação Original no portal “Câmara dos Deputados” <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em 11/12/2018.

BAUMAN, Zygmunt. **A cultura no mundo líquido moderno**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. 1ª edição. Rio de Janeiro: ed Zahar, 2013.

CARAZZAI, E. H. Líderes do MST são mortos a tiros em acampamento na Paraíba. **Folha de São Paulo**, Curitiba, 09 Dez.2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/12/lideres-do-mst-sao-mortos-a-tiros-em-acampamento-na-paraiba.shtml>> Acesso em 11/12/2018.

DOWNING, J. **Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. 2ª ed. São Paulo: Editora SENAC, 2002, 544 p.

GANDRA, A. Pesquisa diz que 6,9 milhões de casas só 2,8% não tem tv no Brasil. **Agência Brasil**. Rio de Janeiro, 21 Fev. 2018. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2018-02/uso-de-celular-e-acesso-internet-sao-tendencias-crescentes-no-brasil>> Acesso em 23/01/2019

GOMES, P. Documentário ‘Rua Comprida’ retrata vida de moradores da Vila Mazzei. **Blog Mural Folha de São Paulo**. São Paulo, 12 Mar.2018. Disponível em: <<https://mural.blogfolha.uol.com.br/2018/03/12/documentario-rua-comprida-retrata-vida-de-moradores-da-vila-mazzei/>> Acesso em 01/12/2018.

GOMES, P. Morador faz castelo com sobras de materiais no Tremembé. **Blog Mural Folha de São Paulo**. São Paulo, 26 Jan.2018. Disponível em: <<https://mural.blogfolha.uol.com.br/2018/01/22/morador-faz-castelo-com-sobras-de-materiais-no-tremembe/>> Acesso em 01/12/2018.

HIAR, R. Mortes: Acadêmica engajada, estudou origem afro de bairro em SP. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 22 Ago. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/08/mortes-academica-engajada-estudou-origem-afro-de-bairro-em-sp.shtml>> Acesso em 19/11/2018.

MARICATO, E. As idéias fora do lugar e o lugar fora das idéias. In: Arantes, O. et al. **A cidade do pensamento único**. Petrópolis: Vozes, 2000

MELO, A. K. “Na Jova Rural, não existe sinalização de trânsito. **Blog Mural Folha de São Paulo**. São Paulo, 06 Fev. 2012. Disponível em:< http://mural.folha.blog.uol.com.br/arch2012-02-05_2012-02-11.html#2012_02-06_13_22_38-154875123-26> Acesso em 16/11/2018

MELO, A. K. Via onde ônibus bateu na zona norte de SP tem histórico de acidentes. **Blog Mural Folha de São Paulo**. São Paulo, 17 Jul. 2018. Disponível em:< <https://mural.blogfolha.uol.com.br/2018/07/17/via-onde-onibus-bateu-na-zona-norte-de-sp-tem-historico-de-acidentes/>> Acesso em 16/11/2018.

MENA, F. BARBON, J. Polícia mata mais homens negros e jovens no estado de São Paulo. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 17 Mai. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/05/policia-mata-mais-homens-negros-e-jovens-no-estado-de-sao-paulo.shtml>> Acesso em 22/11/2018

MUNIZ, S. Antropológica do Espelho: Uma Teoria da Comunicação Linear e em Rede. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2002, 268 p.

NASCIMENTO, S. da Agência Record, com AGUIAR, P. do R7 Veja momento em que ônibus bate em muro na zona norte de SP. **R7**. São Paulo, 17 Jul. 2018. Disponível em:<<https://noticias.r7.com/sao-paulo/veja-momento-em-que-onibus-bate-em-muro-na-zona-norte-de-sp-17072018>> Acesso em 16/11/2018.

OLIVEIRA, D. “**Jornalismo alternativo: o utopismo iconoclasta**” (Trabalho apresentado no VII Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores de Jornalismo – SBPJor). S. Paulo: ECA/USP, 2009

_____. **Jornalismo e emancipação: uma prática jornalística baseada em Paulo Freire**. 1. ed. São Paulo: Appris, 2017. 216 p.

RABIN, C. G. Historiadora procura raiz negra de Guaianases. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 18 Jun. 2016. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/06/1782984-historiadora-procura-raiz-negra-de-guaianases.shtml> acessado em 19/11/2018> Acesso em 15/11/2018

REDAÇÃO, Criminalizar funk é discriminar juventude das periferias, avaliam debatedores na CDH. **Senado Federal**. Brasília, 13 Set. 2017. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/09/13/criminalizar-funk-e-discriminar-juventude-das-periferias-avaliam-debatedores-na-cdh> acessado em 21/12/2018> Acesso em 15/01/2019

SAMPAIO, C. PL que endurece Lei Antiterrorismo pretende criar o terrorista afirma jurista. **Brasil de Fato**. Brasília, 20 Nov. 2018. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2018/11/20/pl-que-endurece-lei-antiterrorismo-pretende-criar-o-terrorista-afirma-jurista/>> Acesso em 08/12/2018

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2008. Pg. 11-36 e 141-17

SILVA, D. C. Pesquisa de mestrado resgata memória negra de Guaianases **Blog Mural Folha de São Paulo**. São Paulo, 04 Mai. 2016. Disponível em: <<https://mural.blogfolha.uol.com.br/2016/05/04/pesquisa-de-mestrado-resgata-memoria-negra-de-guaianases/>> Acesso em 19/11/2018

SODRÉ, M. **Antropológica do Espelho: Uma Teoria da Comunicação Linear e em Rede**. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2002, 268 p.

SP1 Ônibus atravessa muro e deixa 3 feridos na Zona Norte de SP. **G1 Globo**. São Paulo, 17 Jul. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/onibus-atravesa-muro-e-deixa-3-feridos-na-zona-norte-de-sp.ghtml> > Acesso em 01/11/2018

SVAMPA, Maristella. **Movimientos sociales y escenario político: las nuevas inflexiones del paradigma neoliberal en America Latina**. Observatorio Social de América Latina- CLACSO, 2007

TV GAZETA. Série de documentários traz histórias de moradores da Vila Mazzei, na Zona Norte. **TV Gazeta**. São Paulo, 22 Jun. 2018. Disponível em: <<https://www.tvgazeta.com.br/videos/serie-de-documentarios-traz-historias-de-moradores-da-vila-mazzei-na-zona-norte/>> Acesso em 01/12/2018

TV Gazeta. Um “castelo” feito com materiais descartados no lixo. **TV Gazeta**, São Paulo, 26 Jan. 2018. Disponível em: <<https://www.tvgazeta.com.br/videos/um-castelo-feito-com-pecas-lixo/>> Acesso em 01/12/2018

VELOSO, L. Morre historiadora que mapeou influência africana em Guaianases. **Blog Mural Folha de São Paulo**. São Paulo, 16 Ago. 2018. Disponível em: <https://mural.blogfolha.uol.com.br/2018/08/16/morre-historiadora-que-mapeou-influencia-africana-em-guaianases/> acessado em 19/11/2018

WOLF, M. **Teorias da comunicação**. 5ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1999, 271 p.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.